

Azoilda Loretto da Trindade: Um relicário repleto de afetos

Gisele Rose¹

O sobrado de mamãe é debaixo d'água.
O sobrado de mamãe é debaixo d'água.
Dabaixo d'água, por cima da areia.
Tem ouro, tem prata.
Tem diamante que nos "alumeia".
Tem ouro, tem prata.
Tem diamante que nos "alumeia"²

Azoilda Loretto da Trindade foi uma intelectual, militante e educadora que com maestria conseguiu viver de forma plena e pujante essa tríade de ações. Pensar sobre a trajetória de Azo é compreender sua atuação no que tange a estruturação de uma sociedade que seja de fato antirracista, ressaltando sua trajetória de lutas no movimento negro e suas publicações de textos e livros que são atuais e necessários para as reflexões sobre o racismo no Brasil.

Certamente minhas inquietações são marcadas pela minha história de vida, pelo que meus sentidos captam do/no cotidiano, nos encontros mesmo que desencontrados que tenho pela vida. Sabe aquela sensação de levar desaforo para casa? Pois é isso, as minhas inquietações são resultado não só dos desaforos, mas das marcas que os encontros deixaram e deixam em mim do/no trabalho, do/nos estudos, da/na rua, das amizades, das desavenças.... Esse encantamento deslumbre afetação com o mundo produz inquietações, reflexões, produções, caminhos, trajetos, percursos, trajetórias de destino ignorado, inscrições na minha existência. Por isso, resolvi compartilhar humildemente estas frágeis reflexões. Humildemente, não no sentido subalterno, minimizado do

¹ Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro (CEFET-RJ). Professora de Filosofia no Colégio Cruzeiro. E-mail: rose.gisele@gmail.com.

² Letra da música "Purificar o Subaé/cantiga para Janaína", de Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/maria-bethania/887249/>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

que compartilho, mas de compartilhar não racionalmente apenas, mas, coisas marcadas por uma visceralidade. Compartilho meus redemoinhos mentais que espero encontrem com os seus e também, nesta direção tenhamos a disponibilidade de trajetórias reflexivas de destino ignorado (Trindade, 2008, p. 1).

Nascida no dia 10 de dezembro de 1957 no Rio de Janeiro (RJ), Azoilda Loretto da Trindade, que aqui será chamada carinhosamente de Azo ou Zó, ainda bebê foi morar em Salvador (BA). Relatos da história da família Trindade retratam bastante a construção existencial da identidade negra de Azo, pois seu bisavô escravo aprendeu a ler sozinho e comprou a própria alforria vendendo sabão. Foi também com a venda do sabão que o bisavô comprou uma fazenda no interior da Bahia. O filho, que viria a ser o avô de Azoilda, tornou-se pecuarista e casou-se com uma branca. Até hoje a fazenda é propriedade da família Trindade. Sua mãe Cecília Gonzaga da Trindade era uma enfermeira andarilha e seu pai, embora na certidão de nascimento conste como desconhecido, todos sabiam quem era: Ubaldino Barbosa, médico-cirurgião bastante respeitado na Bahia. Nos períodos em que a mãe morou fora de Salvador, Zó foi criada pelas tias Glória e Grafira. O primo Renato Maria Trindade Lugli, hoje arquiteto, filho de Grafira, era considerado um irmão.³

Azoilda, mulher negra de grande importância para a discussão sobre as questões étnico-raciais no Brasil como educadora teve sua vida voltada para pensar teorias e práticas que contribuíssem para um cotidiano escolar que abraçasse todas as singularidades. Como militante atuou em todas as brechas que pudessem ser ocupadas dentro da perspectiva de uma educação antirracista. Já como intelectual elaborou projetos, textos, livros e projetos de suma

³ Texto disponibilizado na página do facebook *África Brasil Identidades positivas*. Disponível em https://www.facebook.com/africabrsiidentidades/posts/741231286008105?__tn__=K-R
Acesso em 30 de novembro de 2019.

importância para a discussão e como militante teve uma vida repleta de atuações de suma importância para a história do movimento negro.

A música “Purificar o Subaé/Cantiga para Janaína” do cantor Caetano Veloso inicia este manuscrito sobre Azoilda Loretto da Trindade ressaltando a importância do sagrado feminino, além de ser uma de suas músicas prediletas de Azo, representando formas de se pensar os valores civilizatórios afro-brasileiros afeto e ancestralidade.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são, ainda hoje, fundamentais para a construção de uma educação antirracista e para um ambiente escolar que seja repleto de afeto. Sendo uma intelectual das brechas, Azoilda compreendeu que esses valores poderiam ser pensados e aplicados dentro e fora do chão da escola, agindo como estratégia de múltiplas atuações.

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (Trindade, 2005, p. 30).

Com uma existência permeada pela construção conjunta de uma educação que percebesse e incentivasse todas as formas de existir, Azo fez do afeto o ponto primordial das relações que recortavam seu corpo. Fez de forma única a junção entre educação, movimento negro, militância e o espaço acadêmico.

Azoilda Loretto da Trindade (10/12/1957-13/09/2015), ativista, professora negra, doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a tese “A Formação da Imagem da Mulher Negra na Mídia”, apaixonada visceralmente por educação de crianças, jovens e adultos, dedicou a vida a encontrar caminhos de superação do racismo, elitismo e machismo em espaços formais ou não de educação. Autora de diversos artigos em livros, consultora da UNICEF, CEAP, IPEAFRO, Coordenadora Pedagógica do Projeto *A Cor da Cultura* e dos cursos de extensão do Laboratório de Análises Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações étnico raciais (LAESER/IE/UFRJ). Atuou na SME-RJ, Conservatório Brasileiro de Música, Universidade Estácio de Sá e FFP-UERJ. Recebeu a medalha Chiquinha Gonzaga em homenagem post mortem, além de dar nome a um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) na Favela Nova Holanda (Complexo da Maré, no Rio de Janeiro). Tem sido estudada por intelectuais da área de relações raciais e educação popular (Ribeiro, 2019)⁴.

Como educadora, Azoilda teve sua vida voltada para pensar teorias e práticas que contribuíssem para um cotidiano escolar que abraçasse todas as singularidades, dentro da perspectiva de uma educação antirracista, se preocupou em todos os seus escritos e ações com o chão da escola, entendendo este espaço como um local de troca de saberes e afetos e não como um cotidiano escolar que fosse apenas reprodutor de ideias, preconceitos e desigualdades.

Ora, uma educação multicultural, criativa e inclusiva, no sentido de incluir na pauta as diferenças, o contato, o diálogo, a interação com as diferenças, coloca a própria escola num lugar de questionamento quanto ao seu papel, seu sentido, seu significado. Qual o papel da escola num contexto multicultural que se sabe político, eu que não se propõe racista, nem elitista, nem machista, nem etnocêntrico... É essencial percebermos a dimensão disto tudo. O que nós, como educadores, faremos? E como faremos? Como nosso currículo se configurará? Como serão e deverão ser nossas aulas, nossa avaliação, nossa sala de aula? Como será nossa postura? Como não sermos tão individualistas e julgarmos que os outros são muito diferentes de nós, a ponto de nos transformarmos numa ilha cercada de ilhas por todos os

⁴ Texto de Janete dos Santos Ribeiro para abertura da Exposição *IMAGINÁRIA CORPOREIDADES NEGRAS*, do Coletivo Negres Fotógrafes em homenagem a Azoilda no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica.

lados? Como não ser tão universalistas a ponto de apagarmos singularidades culturais, políticas, sexuais, sociais, intelectuais? Como levar em consideração todos os segmentos da escola? Como enfrentar que nossas mais belas intenções e ações são ainda incipientes, que são muito poucas, embora necessárias? (Trindade, 2013, p. 60-61).

O grupo de mulheres vinculado ao IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras) chamado AQUALTUNE surgiu em 1978 e tinha a perspectiva de congregar mulheres negras independente de filiações políticas, partidárias e ideológicas. Algumas mulheres como Azoilda Trindade, Cristina Daniel Cruz, Édila Silva das Virgens, Estela da Costa Monteiro, Irani Maia Pereira, Léa Garcia, Jurema Gomes da Silva, Oir Nascimento de Oliveira, Pedrina de Deus, Shirlei da Silva, Suzete Paiva, entre outras, articularam, segundo Suzete Paiva, em entrevista concedida a Rosália Lemos Lemos, “uma grande reunião de mulheres negras” (Santos, 2015).

Em 1979 a Reunião de Mulheres Negras Aquatune (REMUNEA) continuou as suas atividades, tendo com participantes: Azoilda Trindade, Cecília Luiz de Oliveira, Cristina Daniel da Cruz, Édila Silva das Virgens, Estela Costa Monteiro, Irani Maia Pereira, Jurema Gomes da Silva, Léa Garcia, Suzete Paiva dos Santos, Oir Nascimento, Shirlei P. da Silva, Vera Lúcia de Nova Iguaçu, Pedrina de Deus, dentre outras (Santos, 2015).

A coletânea *Africanidades brasileiras e educação* é composta de textos que foram produzidos para o programa *Salto para o Futuro*, da TV Escola, ao longo da última década. O projeto surgiu e ganhou força durante a produção do documentário *Africanidades brasileiras e educação*, exibido em outubro de 2008 pela TV Escola⁵, que está no ar desde 1991 e tem como proposta debater diferentes tendências no campo da educação e contribuir para a reflexão da prática em sala de

⁵ Disponível em: < https://www.skoob.com.br/livro/372272#_=# >. Acesso em 18 de junho de 2019.

aula, utilizando diferentes mídias: TV, telefone, site com publicação eletrônica, fórum e e-mail⁶.

O documentário teve como objetivo principal ser um instrumento que possa ser utilizado na formação de docentes, gerando estudos, reflexões e debates acerca das africanidades brasileiras em ambientes formais e não-formais de aprendizagem, na perspectiva de potencializar positivamente a presença negra na sociedade brasileira⁷.

Azo atuou em vários espaços de suma importância para as discussões que antecederam a Lei n. 10.639/03, que contribuíram para a sua criação e para sua implementação, principalmente nas instituições públicas de ensino.

Azoilda Loretto da Trindade, junto com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (RS), Jeruse Romão (SC) Raquel de Oliveira (SP), Maria de Lourdes Siqueira (BA), Eliane Cavaleiro (SP) e Nilma Lino Gomes (MG), são citadas por suas contribuições femininas e por serem as herdeiras de Dandara, no documento Relatório da Unesco/MEC (2008) sobre a elaboração do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (Santos, 2018).

Juntamente com especialistas da área de relações raciais e educação como Nilma Lino Gomes, Eliane Cavaleiro, Henrique Cunha Jr., Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Carlos Moore, Rafael Sanzio dos Anjos, Amauri Mendes Pereira, Jeruse Romão, Ricardo Henriques, Maria Aparecida Silvia Bento, Raquel de Oliveira, Kabengele Munanga, Iolanda de Oliveira, Sales Augusto dos

⁶ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/tv-escola/salto-para-o-futuro>>. Acesso em 06 de junho de 2019.

⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MIqSc3zZ4UE>>. Acesso em 06 de junho de 2019.

Santos e muitos outros, Azoilda participou com o Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), da realização diversos encontros estaduais além de publicações de obras no sentido de dar um suporte teórico nas questões de relações raciais e educação. Na perspectiva de implementação imediata das novas diretrizes curriculares, a primeira publicação intitula-se “Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03” e a segunda publicação “História da Educação do Negro e outras histórias” (Oliveira, 2008).

No IX Encontro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná (FPEDER-PR), que ocorreu em Maringá no período de 25 a 27 de julho de 2012 e abordou as relações étnico-raciais no trato pedagógico da diversidade, visando uma escola com educação cidadã, Azoilda, em parceria com Amauri Mendes Pereira, ministraram palestras para educadores e ativistas⁸. O evento promovido pelo Governo do Estado foi organizado em Maringá pela Prefeitura, APP-Sindicato, Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, União da Consciência Negra e Núcleo Regional de Ensino e reuniu representantes de entidades, instituições, educadores e a comunidade no Teatro Calil Haddad.

O I Seminário Regional de Diversidade e Superação do Racismo, voltado para ações, críticas e perspectivas da educação nas relações étnico-raciais na Baixada Fluminense, ocorreu em 06 de dezembro de 2012 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ) – Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu (RJ), e Azoilda apresentou a palestra “A Lei que Fala e a Escola que Transforma (a amplitude

⁸ As informações sobre o IX Encontro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná (PEDER_PR) foram obtidas através do site <<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/index.php?sessao=f6cc1574f055f6&id=17151>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

temática da Lei 10639/03 e as possibilidades de transformação crítica dos estudantes numa perspectiva de diversidade social)⁹.

Como coordenadora pedagógica do projeto educativo *A Cor da Cultura*, que busca a valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), a TV Globo e a Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial (Seppir), por meio de programas educativos, contribuiu para divulgar ações e iniciativas de educadores, escolas e ONGs no campo das relações raciais e educação, dando prioridade às metodologias pedagógicas para aplicação das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais (Oliveira, 2012).

O projeto *A Cor da Cultura*, cuja primeira edição (2004 a 2006) acenou para a necessidade de um olhar, uma ação direcionada, com ênfase e destaque à chamada Educação Infantil que atende a crianças de zero a seis anos incompletos. Nos Livros Animados, no Nota 10, nos Cadernos Modos de Ver, Modos de Sentir e Modos de Interagir, o projeto dedica uma atenção especial a essas crianças. Contudo, percebemos que é pouco, diante das demandas com as quais nos deparamos no contato com professores e professoras dos sete estados contemplados (Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, São Paulo, Pará, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul), no período. Em alguns municípios, como Campinas e Porto Alegre, fomos chamados a construir, em parceria com as secretarias de Educação, uma formação específica para a implementação da Lei junto a docentes da 1ª e das 2ª infâncias. Nos demais municípios dos estados atendidos, podemos dizer que em todos, ou quase todos, visitamos creches e escolas que atendiam a crianças de zero a seis anos. O contato, a escuta, o diálogo, o ouvir, ver, compartilhar ideias e sonhos com as docentes nos dão fundamentos para o Caderno Modos de Brincar, quinto

9

Disponível

em:

<<http://incid.org.br/2012/11/29/seminario-debate-diversidade-superacao-racismo/>>.

Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

da Coleção Saberes e Fazeres (Brandão; Trindade, 2010, p. 7)

Em novembro de 2013, Azoilda, juntamente com a professora Sandra Regina Ribeiro, idealizaram e realizaram o curso *Cartografia das Relações Raciais – Educação e Relações Raciais*, que tinha como objetivo mapear as marcas das desigualdades étnico-raciais e do racismo impressas nos corpos e sentimentos, com intuito de constatar para enfrentar e incentivar a reflexão e debate sobre como os mapas das relações raciais são construídos e, ao mesmo tempo, como podemos construir novos mapas que priorizem o respeito à diversidade, tendo como referência uma sociedade mais equânime¹⁰.

Azoilda participou do planejamento estratégico do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), que é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, de caráter cultural, educacional, social e assistencial. Dentre as atividades executadas, Azoilda organizou o Prêmio Camélia da Liberdade, que reconhece as instituições que promovem ações afirmativas contra a discriminação e as desigualdades raciais no Brasil¹¹.

No dia 14 de maio de 2013 Azoilda recebeu do vereador Renato Cinco a moção de congratulação e louvor por sua participação na mobilização para a marcha contra a farsa da abolição em 11 de maio de 1988, por ter prestado grande serviço à luta contra a discriminação racial. Essa homenagem foi concedida aos militantes do movimento que contribuíram para a reafirmação de outra história que não pode ser contada apenas pelos opressores.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/667590176606123/about/>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

¹¹ Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/03/ceap-lanca-no-rio-a-setima-edicao-do-premio-camelia-da-liberdade>>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

Em 2014 o grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras da UFRJ foi criado pela professora Giovana Xavier, em conjunto com as professoras Azoilda, Celia Cristo, Claudielle Pavão, Janete Santos Ribeiro e Marta Muniz Bento. Esse grupo surgiu com o desejo de congregar mulheres negras de diferentes áreas para construção de uma rede feminista negra engajada na produção de conhecimentos e promoção de ações com foco em comunidades negras, suas experiências e histórias¹².

No que tange os escritos e atuações de Azoilda, o conceito de afetividade é de suma importância para o entendimento de como nos relacionamos com outro e como nos colocamos no mundo. O afetar e ser afetado é uma espécie de tarefa constante e diária que nos faz pensar de forma diferenciada. A afetividade está presente no acolher e entregar, ou seja, no estar no mundo. O modo de ouvir, agir, tocar, pensar, brigar, acariciar estão envolvidos no processo da construção afetiva, do perceber que o outro possui suas subjetividades e precisa ser respeitado e acolhido.

O afetar e ser afetado, que ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável, não pode ser visto como irrelevante. Como diante desta circularidade, deste movimento, desta dinâmica negligenciar, subestimar os aspectos afetivos do humano, como negligenciar as emoções, os sentimentos, os afetos, os desejos? (Trindade, 2000, p. 9)

A afetividade está presente durante toda a jornada de Azoilda e com certeza é o seu maior legado, pois é constante e necessário para as questões cotidianas. O afeto/afetividade perpassa as questões políticas e sociais que são recortadas pelas relações que nos remetem ao se perceber no outro, ao se olhar e enxergar o outro, ao tocar e

¹² Disponível em: <https://www.intelectuaisnegras.com/quem-somos>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

pensar sobre o outro, tendo como verdadeiro sentido o gostar do outro com todas as suas subjetividades, necessidades e potencialidades.

No dia 13 de setembro de 2015, Azoilda Loretto da Trindade fez a sua passagem para Orun (céu, na língua ioruba). Quem foi Azoilda Loretto da Trindade? Para além da militância e da academia, uma professora, pois, seu desejo de menina transformou-se em realidade. Na busca constante por aprimoramento em prol da educação, cursou Pedagogia e Psicologia, fez Mestrado em Educação, na Fundação Getúlio Vargas, e tornou-se Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Profundamente comprometida com a transformação do ser humano em suas potencialidades efetivas, fez emergir sonhos submersos pelos espaços formais e não formais de educação (Basthi, Bento, Filho, Oliveira, Ramos, Ribeiro, Xavier, 2016, p. 57)

Pensando sobre o legado de Azo e todos os embates que ainda existem quando o assunto são as relações étnico-raciais, aqui se faz presente o grande desafio de mostrar como os estudos de vida e obras desta intelectual negra visceral ainda estão presentes, pujantes e atuais, enfatizando sua capacidade de afetar o outro com suas palavras e ações, seus escritos, suas falas e toda memória afetiva que sua existência proporcionou e proporciona.

Das tantas homenagens póstumas, podemos citar o Caruru da Gratidão que foi um evento realizado no dia 28 de setembro de 2018 no Clube Renascença e o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Azoilda Trindade (Zô), sito à Rua Teixeira Ribeiro 1000 Bloco 7 Bonsucesso, inaugurada em abril de 2006.

Azoilda nos mostrou por meio de seus atos e ações a importância da valorização do nosso povo negro em todos os âmbitos da sociedade, seu verdadeiro legado são os tantos alunos e alunas, amigos e amigas, companheiros e companheiras de luta que recordam com carinho e afeto a sua presença.

A semente plantada na busca por uma sociedade livre do racismo, germinou e deu muitos frutos que estão presentes na formulação, criação e implementação da Lei n. 10.639/03, em projetos escolares e institucionais que tratam das relações étnico-raciais e nos tantos outros que ainda virão.

Azo é nosso relicário destinado a guardar e proteger nossas relíquias, histórias, vivências e todas as preciosidades do nosso povo, um relicário que depositamos boa parte da história do movimento negro no Brasil e da luta por uma educação antirracista.

O relicário que demonstra nosso amor por nossa história e por tantas outras histórias que foram invisibilizadas e que precisam ser abertas e compartilhadas com todos aqueles que se dispõem a discutir para erradicar as práticas racistas em nosso país.

E como diria Azoilda: “Somos quem desejamos ser....”

Referências bibliográficas

BASTHI, Angélica, BENTO, Marta Muniz, FILHO, Carlos Humberto Silva, OLIVERIA, Célia Regina Cristo de, RAMOS, Ângela, RIBEIRO, Janete Santos, XAVIER, Giovana. Azoilda Loretto da Trindade Afetos inscritos: Educação, Cuidado e Relações Raciais - O Legado de Zó. **Revista do Núcleo de Estudos do Novo DEGASE – NEAB – NB**. Editora Degase. 2016. Disponível em:

<http://www.degase.rj.gov.br/publicacoes/Revista%20AU_NEAB%20ND.pdf>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

BRANDÃO, A. P & TRINDADE, A.L. (orgs). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2010, p. 13. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>>. Acesso em 17 de janeiro de 2020.

CARNEIRO, Suelaine. **Azoilda presente**. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/azoilda-presente/> .Acesso em 28 de janeiro de 2019.

CHAGAS, A., **O questionário na pesquisa científica**. Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAABjbAAD/questionario-na-pesquisa-cientifica>>. Acesso em 20 de março de 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas estratégias de atuação**. página 143. Brasília, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em 20 de setembro de 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

NASCIMENTO, Alexandre do. Educação das relações étnico-raciais no sistema socioeducativo: Algumas reflexões. **Revista do Núcleo de Estudos do Novo DEGASE – NEAB – NB**. Editora Degase. 2016. Disponível em: <http://www.degase.rj.gov.br/publicacoes/Revista%20AU_NEAB%20ND.pdf>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. A construção dos fundamentos teóricos de uma nova política pública de promoção da Igualdade racial na educação brasileira. *In*: Alexandre do Nascimento; Amauri Mendes Pereira; Luiz Fernandes de Oliveira; Selma Maria da Silva. (Org.). **Histórias, Culturas e Territórios Negros: reflexões docentes para uma reeducação das relações étnico-raciais**. 1 ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008, v. 1000, p. 07-45.

PORTAL GELEDÉS, disponível em: <https://www.geledes.org.br/azoilda-presente/> .Acesso em 28 de janeiro de 2019.

SANTOS, Ellen Mendonça Silva dos. **Movimento de Mulheres negras no Rio de Janeiro: Amefricanidade, interseccionalidade e a implementação de políticas públicas na constituinte de 1988**. PUC-RJ, 2015.

SANTOS, Gevanilda. **Revista da ABPN**. v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, p.399-424. Janeiro de 2018.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRINDADE, Azoilda Loretto. da; SANTOS, Rafael. **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **A formação da imagem da mulher negra na mídia**. Tese de Doutorado. UFRJ/CFCH Escola de Comunicação. 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. *In: Valores afro-brasileiros na educação*. **Boletim 22**, páginas 30 a 36, 2005. Disponível em: <http://teiaufmg.com.br/uab/conteudo/modulo03/anexos/valoresafrobrasileiros.pdf>. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. *In: Caderno de Textos. Saberes e Afazeres Modos de Ver*. A cor da cultura, páginas 101 a 112, 2006. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf Acesso em 03 de março de 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Educação-Diversidade-Igualdade num tempo de encantos pelas diferenças. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, Volume 3 – p. 9-18 – jan-jun de 2008. Acesso em 28 de janeiro de 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Projeto Político Pedagógico na Escola: Aplicação da Lei 10.639/03. **Cadernos do CEAP**, Rio de Janeiro, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. *In: Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres* / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, il. (A cor

da cultura; v.4), p. 13-18, 2010. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSDEFAZER-WEBCORRIGIDA.pdf>. Acesso em 01 de setembro de 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Salto para o futuro edição especial 10 anos da lei 10.639. Uma trajetória até a 10639/2003**. Novembro de 2013.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Africanidades brasileiras e educação** [livro eletrônico]. Salto para o Futuro / organização Azoilda Loretto Trindade. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

XAVIER, Giovana. A Azoilda em forma de arte. *In*: Encrespando - **Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024)** / FLAUZINA, Ana; PIRES, Tula (org.). - Brasília: Brado Negro, pág. 199-203, 2016. Disponível em: <http://bradonegro.com/Encrespando.pdf>. Acesso em 02 de setembro de 2019.